

Quem vai pagar a conta da orgia do País bandalho

A frase de Winston Churchill é conhecida de todos: "A democracia é o pior de todos os regimes fora todos os outros". Neste Brasil politicamente grotesco da "Nova" República temos de repeti-la a cada instante, como quem diz uma prece, para não começar a contestá-la. Porque se o fechamento do Congresso neste momento só redundasse na perda de emprego por esses senhores soberanamente irresponsáveis que estão redigindo o atestado de óbito do Estado brasileiro, todos os brasileiros que não contraíram dívidas entre fevereiro de 1986 e fevereiro de 87 e entre fevereiro de 1988 e dezembro de 87 ou que ainda não se aposentaram, embora não disponham dos recursos pecuniários do sr. Ronaldo Caiado e de seus milhares de lobbistas capazes de gastar mais do que devem aos bancos em sucessivas e prolongadas vilegiaturas em Brasília, pediriam o fechamento e dariam um jeito de ir à Capital Federal assistir à saída dos desempregados para apupá-los — porque a polícia não permitiria que os agredissem fisicamente.

Quanto aos "anistiados" e aposentados, ludidos por esses charlatães que se fazem passar por defensores dos interesses do povo, demorarão ainda algum tempo para sentir por eles a mesma repulsa indignada dos demais brasileiros. Mas chegarão lá, porque, como todos os 140 milhões de habitantes deste país torpemente explorado por aqueles que receberam delegação para criar a infra-estrutura institucional capaz de permitir o desenvolvimento de suas magníficas potencialidades econômicas, eles também pagarão com um pouco mais de sacrifício, de sofrimento e de penúria a conta da irresponsabilidade que o Estado falido começa a transferir-lhes a partir de hoje.

Quando se diz que a democracia é o pior de todos os regimes fora todos os outros — e os brasileiros deveriam saber disso melhor do que ninguém porque acabam de sair de um desses outros regimes que durante vinte anos não fez outra coisa, com sua política do Brasil potência, senão criar todas as condições para a exploração da crise que estamos vivendo — é porque somente o regime democrático permite a correção das mazelas e dos vícios inerentes à natureza do homem, que geram a corrupção e a ineficiência das administrações públicas sob qualquer regime político.

A natural exposição desses vícios à execração pública que só a democracia assegura é que permite o aprimoramento dos padrões éticos do corpo social e político de uma nação.

Essas considerações nos foram sugeridas pelos acontecimentos desta quarta-feira na Assembléia Nacional Constituinte com a aprovação da anistia para os endividados do Plano Cruzado, a correção das aposentadorias e pensões pagas pelo INPS e a estabilidade no emprego para os funcionários públicos com mais de cinco anos de serviço quando a nova Constituição estiver promulgada. O mais importante neste momento não é saber o tamanho do rombo que essas prodigalidades irão abrir nos já arrombadíssimos cofres do Tesouro Nacional. O importante é avaliar o tipo de comportamento, o tipo de mentalidade que levou à aprovação de medidas que qualquer cidadão que consiga articular meia dúzia de palavras e conheça as quatro operações fundamentais sabe quanto irá custar para todos os brasileiros num futuro muito próximo.

Alguém imagina que o sr. Ronaldo Caiado e os 286 parlamentares que votaram pela anistia não saibam perfeitamente que o dinheiro para cobrir o perdão das dívidas irá sair dos cofres públicos? E que o governo não fabrica dinheiro e, portanto, vai ter que buscá-lo cobrando mais impostos e produzindo mais inflação? É evidente que todos estão cansados de saber disso. No entanto, falaram mais alto alguns dos vícios inerentes à natureza humana — a vaidade pessoal, as ambições políticas e eleitorais, o gosto pela publicidade e pelo sucesso fácil.

A leitura da lista da votação da emenda mais ampla da anistia é um extraordinário exercício para comprovar o que estamos dizendo. Votaram contra essa insensatez todos os parlamentares que são considerados realmente sérios neste país independentemente de suas posições ideológicas, que têm um projeto para a Nação, de Lula a Delfim Neto, de Fernando Henrique Cardoso a Roberto Campos, de Jarbas Passarinho a Roberto Freire. No outro bando ficou a massa amorfa e fisiológica, que faz da política apenas um jogo de interesses menores, ou um exercício de charlatanismo. Até as defecções na esquerda, que votou maciçamente contra a anistia, comprova o que estamos dizendo. Gente como Miro Teixeira e João Cunha, catalogados como esquerdistas, são autênticos paradigmas do mais "escrachado" fisiologismo.

O que vimos na Constituinte nesta quarta-feira foi mais um embate entre o Brasil moderno e o Brasil arcaico, entre o País sério e o País bandalho. E mais uma vez o País bandalho saiu vencedor. E a catástrofe só não será maior porque um deputado comunista, o sr. Roberto Freire, conseguiu fazer passar uma emenda restringindo o tamanho da anistia. Por incrível ironia, é um comunista salvando a possibilidade de o Brasil, um dia, ainda vir a ser um país verdadeiramente capitalista.

Nem o mais comezinho princípio da democracia — todos são iguais perante a lei — é respeitado pelos representantes do País bandalho. Por que beneficiar apenas os pequenos e microempresários urbanos e produtores rurais quando todos os 140 milhões de brasileiros são igualmente vítimas do engodo do Cruzado? Por que só pensar no salário dos aposentados que não foi corrigido de acordo com a inflação, quando todos os trabalhadores brasileiros estão há anos amargando grandes perdas do valor real dos seus salários? Por que dar a estabilidade apenas a um punhado de funcionários públicos e não a todos os trabalhadores? Seria o caso de o sr. Lula da Silva fazer como o sr. Ronaldo Caiado e acampar os seus lobbistas da CUT em Brasília para exigir essas vantagens. O sr. Lula não faz isso porque, apesar de não ter frequentado universidades e não ter feito cursos em Paris como o homem da UDR — que cada vez mais se assemelha ao francês Le Pen —, conhece perfeitamente os limites físicos da economia e sabe que ultrapassá-los será um desastre para todos os trabalhadores e para o País em geral. Os praticantes da fisiologia — que é um eufemismo para não dizer safadeza — não estão preocupados com coisas desse tipo.

Para eles o negócio é levar vantagem, ou levar o que acreditam que seja vantagem. É se servir do Brasil e nunca servir o Brasil, como manda o manual de ética de qualquer político digno.

Se apesar da presença dessa fauna no cenário político brasileiro a nossa democracia conseguir sobreviver, não demorará para que eles percebam que — além de safados — são burros, porque aqueles que estão enganando agora, invocando o engano que sofreram com o Plano Cruzado, não tardarão a compreender o novo objeto de que foram vítimas. E cobrarão seus novos prejuízos com mais gana ainda do que demonstraram agora.

○ perigo é que é cada vez maior o número de brasileiros que, enojados com o comportamento dos políticos, só estão lembrando da primeira sentença da frase de Churchill.